

SILVIA BEATRIZ ADOUE, costureira, operária do vidro, do couro, metalúrgica e gráfica; doutora em Literaturas em Língua Espanhola pela FFLCH/USP, mestre em Integração na América Latina pelo PROLAM/USP. Uma das fundadoras da Escuela José Carlos Mariátegui desde Nuestra América na Argentina; professora da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), educadora em diversos cursos de formação da Vía Campesina. Professora da UNESP/Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial de América Latina e Caribe (TerritoriAL). É autora de *Walsh, el criptógrafo. Escritura y acción Política en la obra de Rodolfo Walsh* (Vicente López: Dialektik e El Colectivo, 2011).

DENI ALFARO RUBBO, doutor em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP). É autor de *Párias da terra: o MST e a mundialização da luta camponesa* (Alameda/Fapesp, 2016) e de diversos artigos em revistas nacionais e internacionais. Atua na área de Sociologia, com ênfase em sociologia dos intelectuais e da cultura, história do marxismo e das ciências sociais no Brasil e na América Latina. É professor adjunto de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória).

Alberto Flores Galindo | Antonio Melis | Bernardo Soares
Deni Alfaro Rubbo | Felipe Johnson | Luiz Bernardo Pericás
Michael Löwy | Miguel Mazzeo | Ricardo Portocarrero Grados
Roland Forgues | Sara Beatriz Guardia | Silvia Adoue
Sydney Melo | Yuri Martins Fontes

Espectros de Mariátegui na América Latina reúne leituras críticas, clássicas e contemporâneas (com inclusive novos ângulos, como a questão das mulheres e dos negros) sobre o fundamental pensador revolucionário José Carlos Mariátegui. Quase um século depois, sua questão, a saber o incontornável (e difícil, sobretudo se levarmos a sério as diferenças) encontro entre a tradição revolucionária inaugurada por Marx e a América Indígena, mantém toda sua atualidade. Nos fios que ligam as resistências e resiliência indígenas, dos Mapuche no Sul às lutas contra o *fracking* dos Standing Rock Sioux e dezenas de povos no norte da América, passando pelos zapatistas, retomadas Guarani-Kaiowá, cosmopolíticas Yanomami e as perspectivas de *sumak kawsay* e *suma-gamaña*, a partir da Bolívia e do Equador, dentre muitas outras. Mariátegui, nesse sentido, prolonga Marx e seu pensamento-luta; os povos indígenas não surgem a partir de uma iluminação solitária, mas o interpelam em suas lutas, apoiadas pelos anarquistas e indigenistas. A América des-coberta? À maneira de Oswald de Andrade e do fio descontinuo antropófago, o *amauta* repele o eurocentrismo e o nacionalismo, e constitui uma contribuição-chave para o marxismo latino-americano, a criação para a revolução, a revolução como mito e criação.

JEAN TIBLE

Professor de Ciência Política | USP



Rubbo e Adoue (orgs.)

Espectros de Mariátegui na América Latina



LUTAS ANTICAPITAL

Espectros de Mariátegui na América Latina



Deni Alfaro Rubbo e Silvia Adoue
(orgs.)

Já se vão mais de 40 anos desde que os *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* foram publicados pela primeira vez no Brasil, graças principalmente à iniciativa de Florestan Fernandes. Mesmo assim, a recepção de José Carlos Mariátegui no nosso país não tem sido sem atribulações, o maior interesse por sua obra sendo fenômeno relativamente recente. O que talvez se possa chamar de difícil relação do Amauta com o país lusófono reflete um desafio maior: o de entender o Brasil como parte da América Latina. É verdade que a própria América Latina não é uma realidade evidente, mas, em grande medida, uma construção histórica. Por outro lado, para além da dimensão identitária, a região possui traços comuns derivados do lugar que ocupa no capitalismo internacional. Um dos grandes méritos de Mariátegui, ao fazer uso do marxismo, foi justamente entendê-lo como abordagem capaz de chamar a atenção para a especificidade da formação social peruana. Reside principalmente aí a atualidade do revolucionário peruano, o que contribui para que ainda hoje se perscrute seu pensamento, além de inspirar que se siga o caminho que indicou. Nesse sentido, *Espectros de Mariátegui na América Latina* tem a incomum qualidade de juntar intérpretes conhecidos do Amauta com jovens pesquisadores e militantes. Dessa maneira, realiza-se tanto um balanço das investigações realizadas até aqui, como também se indicam novas perspectivas de pesquisa. Por tudo isso, o livro que o leitor tem em mãos será certamente uma obra de referência entre os já não tão incomuns estudos mariateguianos brasileiros.

BERNARDO RICUPERO

Professor de Ciência Política | USP

Espectros de Mariátegui na América Latina

Deni Alfaro Rubbo e Silvia Adoue
(orgs.)

Espectros de Mariátegui na América Latina

Alberto Flores Galindo

Antonio Melis

Bernardo Soares

Deni Alfaro Rubbo

Felipe Johnson

Luiz Bernardo Pericás

Michael Löwy

Miguel Mazzeo

Ricardo Portocarrero Grados

Roland Forgues

Sara Beatriz Guardia

Silvia Adoue

Sydnei Melo

Yuri Martins Fontes

1ª edição

LUTAS ANTICAPITAL

Marília/SP – 2020

Editora LUTAS ANTICAPITAL

Editor: Julio Hideyshi Okumura

Conselho Editorial: Andrés Ruggeri (Universidad de Buenos Aires - Argentina), Bruna Vasconcellos (UFABC), Candido Giraldez Vieitez (UNESP), Claudia Sabia (UNESP), Dario Azzellini (Cornell University – Estados Unidos), Édi Benini (UFT), Fabiana de Cássia Rodrigues (UNICAMP), Henrique Tahan Novaes (UNESP), Julio Cesar Torres (UNESP), Lais Fraga (UNICAMP), Mariana da Rocha Corrêa Silva, Maurício Sardá de Faria (UFRPE), Neusa Maria Dal Ri (UNESP), Paulo Alves de Lima Filho (FATEC), Renato Dagnino (UNICAMP), Rogério Fernandes Macedo (UFVJM), Tania Brabo (UNESP).

Projeto Gráfico e Diagramação: Mariana da Rocha Corrêa Silva e Renata Tahan Novaes

Capa: Mariana da Rocha Corrêa Silva

Impressão: Renovagraf

E77 Espectros de Mariátegui na América Latina / Deni Alfaro Rubbo,
Silvia Adoue (Org.). - Marília : Lutas Anticapital, 2020.
324 p. Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86620-32-0

1. Mariátegui, José Carlos - 1894-1930. 2. Marxismo - América Latina. 3. Socialismo e cultura. I. Título.

CDD 335.4

Ficha elaborada por André Sávio Craveiro Bueno
CBR 8/8211 FFC – UNESP – Marília

1ª edição: outubro de 2020

Editora Lutas anticapital

Marília –SP

editora@lutasanticapital.com.br

www.lutasanticapital.com.br

SUMÁRIO

Prefácio.....	7
<i>Aldo Casas</i>	
Apresentação.....	11
<i>Deni Alfaro Rubbo e Silvia Adoue</i>	
Para situar Mariátegui.....	19
<i>Alberto Flores Galindo</i>	
Mariátegui e o marxismo latino-americano – história, lutas e ideias	35
<i>Entrevista com Luiz Bernardo Pericás</i>	
Considerações para o estudo do jovem Mariátegui: os escritos juvenis.....	49
<i>Ricardo Portocarrero Grados</i>	
A luta de José Carlos Mariátegui na frente cultural	81
<i>Antonio Melis</i>	
José Carlos Mariátegui e a cultura revolucionária: do romantismo ao surrealismo	105
<i>Michael Löwy</i>	
Mariátegui: intelectuais, literatura e questão nacional.....	115
<i>Bernardo Soares</i>	
Mito, religião e socialismo nos escritos de José Carlos Mariátegui	141
<i>Sydnei Melo</i>	
Mariátegui, uma visão de gênero.....	169
<i>Sara Beatriz Guardia</i>	
Mariátegui e a questão negra.....	199
<i>Roland Forgues</i>	

Retomadas Guarani e Kaiowá: o socialismo indo-americano e a busca da Terra sem Mal.....	219
<i>Felipe Johnson e Silvia Adoue</i>	
O marxismo hediondo: notas para um estudo comparativo entre José Carlos Mariátegui e Rodolfo Kusch.....	235
<i>Miguel Mazzeo</i>	
Difusão e circulação do marxismo na periferia: Mariátegui e a “teoria da dependência”.....	259
<i>Deni Alfaro Rubbo</i>	
Afinidades entre Mariátegui e Caio Prado: questão nacional, metodologia e práxis.....	289
<i>Yuri Martins Fontes</i>	
Sobre os autores.....	319

PREFÁCIO

O título do livro que apresentamos inscreve-se, deliberada ou inadvertidamente, numa ilustre tradição. É preciso lembrar a frase com a qual Karl Marx e Friedrich Engels começam o *Manifesto Comunista*: "Um fantasma ronda a Europa: o fantasma do comunismo". Muitos anos depois e na proximidade do nosso tempo, Jacques Derrida considerou convocar os *Espectros de Marx* para refutar aqueles que tratavam o barbado revolucionário como cachorro morto, dizendo para eles: "Nenhum futuro sem Marx. Sem a memória e sem a herança de Marx, em todo caso de um certo Marx, de seu gênio, de pelo menos um de seus espíritos"... *Mutatis mutandis*, eu afirmo que esta obra coletiva vem nos lembrar, em primeiro lugar àqueles de nós que vivemos e lutamos em Nuestra América: nenhum futuro sem Mariátegui.

Na verdade, faz já vários anos que a obra de José Carlos Mariátegui saiu do relativo ostracismo e do menosprezo aos quais a condenou aquela Conferência dos Partidos Comunistas de América Latina, reunida no ano de 1929 em Buenos Aires, sob supervisão do dirigente do Partido Comunista de Argentina Vittorio Codovilla e dos comissários políticos enviados pela Comintern. Foi ali que se desdenhou e qualificou como "pouco marxistas" os textos daquele peruanozinho que tinha a ousadia de pensar com a própria cabeça, escrevia "ensaios", rejeitava a concepção da revolução por etapas, sustentava que ao imperialismo e às burguesias locais se devia opor o socialismo e, suprema heresia, desafiava a autoridade do "marxismo-leninismo-stalinismo" com sede em Moscou, ao se atrever a escrever: "Não queremos, certamente, que o socialismo seja em América decalque e cópia. Deve ser criação heroica. Temos que dar vida, com nossa própria realidade, em nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano".

Poucos lembram hoje de Vittorio Codovilla (e quase ninguém lembra para o bem). Pelo contrário, José Carlos Mariátegui é amplamente reconhecido como precursor ou um dos primeiros gestores do marxismo em nossas terras, o que implica num mérito imenso. É preciso levar em conta que, sendo o marxismo uma linguagem de e para a luta de classes (linguagem associada a um *corpus* teórico e a uma práxis), era uma linguagem que havia nascido, como o mesmo Marx, na Europa, porque foi ali onde surgiu a inédita e expansiva forma de relação social antagônica característica do capital, assim como sua necessária contraparte: as lutas e as organizações operárias que se desenvolveram no século XIX. Essa "linguagem" chegou também à América e, apesar das incrustações e deformações eurocêntricas que trazia, também aqui começou a ser utilizada para lutar contra a exploração e o capitalismo. E foi precisamente o jovem Mariátegui, alentado e iluminado (mas não deslumbrado) pela Revolução Russa de 1917, quem contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do marxismo enraizado em nosso continente e em seus povos, abordando novas problemáticas e aportando novos conteúdos, expressões e sensibilidades.

Mariátegui, chamado também, com carinho e respeito, de "o Amauta", foi fundador de revistas, de editoras, do Partido Socialista do Peru (que passaria logo a ser denominado Partido Comunista) e da Confederação Geral de Trabalhadores do Peru. E mais ainda: abriu novas perspectivas pelas quais a luta contra a exploração capitalista e a dominação imperialista é, também e necessariamente, o combate contra a colonialidade do poder e o saber em toda Nuestra América, assumindo para isso a viva tradição e história da resistência de índios, afrodescendentes, mestiços e imigrantes provindos de todos os continentes, todos os quais conformam, não sem tensões, nossas classes e grupos subalternos, antagônicos ao capital.

Do valor e da riqueza do legado mariateguiano dão eloquente e documentado testemunho as investigações que este livro reúne. Mas os qualificados estudiosos que aqui escrevem advertem-nos, também, que o reconhecimento formal da impor-

tância de Mariátegui não significa de maneira alguma que sua obra tenha sido plenamente conhecida, compreendida e/ou desenvolvida criativamente. Precisamente por isso é um acerto e uma necessidade convocar seu espectro! É necessário que a fantasmática presença de Mariátegui deslize entre nós, que nos inquiete e anime, que sejamos intelectuais comprometidos, militantes sociais e políticos, ou simples mulheres e homens empurrados à luta porque nossa mera subsistência está ameaçada pela crise estrutural (isto é, econômico-social, mas também ambiental e civilizatória) do capital.

Se Mariátegui, no final da terceira década do século passado, propôs a sua geração a formidável, imensa tarefa de “dar vida, com nossa própria realidade, em nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano”, seu espectro deve agora nos lembrar, no começo do século XXI, que essa tarefa não apenas segue pendente, mas que é mais urgente do que em qualquer outro momento da história. E que, por isso, não serve o “decalque e cópia”... e nem mesmo o “decalque e cópia” do escrito pelo mesmo Mariátegui!

Entendo que esse espírito anima este livro e espero que assim o advirtam seus leitores. Seu conteúdo e estrutura permitem, por um lado, examinar a vida e a obra do Amauta em diferentes momentos e desde diferentes ângulos; por outro lado, mostra-se que o escrito e feito por Mariátegui devem ser estudados criticamente, enriquecidos (e, se necessário, refutados). Isto é, não se trata tanto de “estudar Mariátegui” como um fim em si mesmo, mas estudar *com* Mariátegui as novas realidades, para dar continuidade e reatualizar aquela atitude tão característica do Amauta, simultaneamente dialógica e agonística, levando adiante construtivas discussões com autores provindos de outras vertentes teóricas e políticas e, sobretudo, com as novas ameaças e contradições que enfrentamos, no continente e no mundo.

Porque José Carlos Mariátegui não pode ser considerado, de maneira alguma, um marxista “folclórico” ou localista. É um socialista, um comunista, certamente herético, como também foram, cada um ao seu modo, grandes revolucionários (só para

citar três nomes, escolhidos por aquilo das "afinidades eletivas")
como Antonio Gramsci, Walter Benjamin, Ernesto Che Guevara.
Sua causa, nossa causa, é a emancipação da humanidade.

Aldo Casas.
Buenos Aires, fevereiro de 2019
(tradução Silvia Adoue).

APRESENTAÇÃO

José Carlos Mariátegui e a aventura inconclusa

Deni Alfaro Rubbo e Silvia Adoue

A história do marxismo não se pode reduzir às tendências prevaletentes na esquerda do fim do século XIX até hoje. Tampouco é uma linha homogênea. Existe uma constelação intelectual e política subterrânea pulsando nessa corrente heterogênea, reprimida pela centralização burocrática e pelo reformismo social-liberal. Na América Latina uma das estrelas mais visíveis dessa tradição errante é a figura de José Carlos Mariátegui (1894-1930).

Ao longo das décadas, a obra do marxista peruano tem se mostrado como uma das referências essenciais do nosso tempo. Marxista convicto e confesso, como ele mesmo gostava de se definir, suas hipóteses heréticas sobre diversos temas candentes da vida social parecem ainda possuir uma espantosa atualidade, como um espectro que vem assombrar o pensamento achatado e superficial tão em voga no tempo presente.

“Precursor”, “pioneiro”, “original”, “autêntico”. Esses e outros adjetivos similares são atribuídos constantemente por autores de diferentes quilates quando se referem à produção marxista de Mariátegui. Essa fama póstuma assenta-se na ideia de que, no conjunto de seu projeto político-teórico, a relação entre América Latina e marxismo não se construiu por meio do encadeamento mecânico dos efeitos e das causas, da cópia descarada da teoria produzida na Europa, de aplicação imediata de fórmulas positivistas. Para ele, o marxismo não era uma religião de salvação terrestre. E a América Latina não seguia o trem da história do progresso homogêneo e linear. Nessa complexa relação, enigmática e insinuante, emergia uma temporalidade histórica dissonante na América Latina. As

temporalidades aparentemente descompassadas marcaram a matriz da exploração capitalista, mas também apresentam, no olhar de Mariátegui, fulgores de possibilidades futuras.

Mas, afinal, a tradição teórica inaugurada por Marx não era tributária de uma fervorosa apologia à teleologia da história e do determinismo econômico, confiante nas engrenagens do progresso, como afirmam as centenas de narrativas liberais, social-democratas e (neo)stalinistas? Em seu belo livro *Marx, o intempestivo* (1999), Daniel Bensaïd assevera que a contribuição decisiva de Marx é uma nova representação da história. Contrariamente às formulações de cunho positivista e fatalista, a “nova escrita da história” de Marx estaria plasmada no desenvolvimento desigual entre as diferentes esferas de uma formação econômico-social específica e uma abordagem crítica da noção abstrata de progresso. Uma concepção “aberta” da história que caminha nos trilhos da incerteza do presente. Um futuro que não estava desenhado de antemão, definido, garantido. Ora, foi uma nova escrita da história latino-americana que Mariátegui começou a produzir depois de seu périplo europeu, no qual afirmou “o dever de uma tarefa americana”.

O marxismo crítico de Mariátegui estava ciente da relação tensa entre uma realidade dinâmica e o imperativo de interpretá-la e transformá-la. Para torná-lo palpável na América Latina era preciso questionar sobre seus alcances e limites. O socialismo na América Latina implicaria um difícil encontro entre passado e futuro. Por isso, buscou apreender o enigma latino-americano e suas peripécias históricas através da “criatividade heroica”, expressão que certamente causara calafrios às ortodoxias constituídas do terror burocrático.

“Não queremos, certamente que o socialismo seja na América decalque e cópia. Deve ser criação heroica”.

Decifrar a esfinge latino-americana sem decalque nem cópia e sim criação heroica para novas gerações, sentenciava Mariátegui. Essa orientação teórica e política de formidável alcance serviu de bússola para gerações de intelectuais-militantes e para a sociologia crítica latino-americana, que encontrou distintas maneiras de discorrer sobre as comple-

xidades e heterogeneidades da região. “Modernidade sem modernidade”; “a originalidade da cópia”, “desenvolvimentos desiguais e combinados”, “coexistência dos tempos”, “tempos mistos e superpostos”. Como bem assinala Patricia Funes (2006, p. 24), são diferentes maneiras de abordar sociedades policromas e bastante reticentes às categorias acabadas ou cristalizadas. Em alguma medida, na história intelectual das ideias da América Latina, vertentes teóricas como a Teoria da Dependência e, atualmente, os “estudos pós-coloniais” são devedores diretos ou indiretos das ideias de nosso autor.

O espectro de Mariátegui não ronda apenas no campo da esquerda político-intelectual peruana. Também desvenda o enigma do capitalismo dependente na América Latina. E sinaliza uma estratégia na "agonia" (tal como Miguel de Unamuno definia a luta) e resistência das organizações sociais e políticas. Não é coincidência que, atualmente, o maior público de sua obra fique majoritariamente no campo da militância política. Por exemplo, a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), a principal escola de formação política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizada na cidade de Guararema (São Paulo), tem ministrado dezenas de cursos sobre o marxista andino para diversos movimentos sociais da América Latina.

A obra de Mariátegui expressa um amplo e variado campo temático. Transitou entre questões literárias, artísticas, sociológicas e políticas. Provavelmente a profissão de jornalista, que exerceu durante toda a vida, o motivava a escrever sobre assuntos tão diversificados. Do ano de sua precoce morte, 1930, até o presente momento, muito se escreveu e discutiu sobre o nosso autor. Por um lado, alguns aspectos de sua trajetória e obra parecem se repetir, principalmente questões políticas e teóricas dos seus últimos anos de vida que geraram polêmicas e dissidências no seu itinerário, como as relações político-ideológicas com a Alianza Popular Revolucionária Americana (APRA) e com a Internacional Comunista, a especificidade do marxismo, a concepção de socialismo indo-americano, a relação entre política e religião. Por outro lado, outros aspectos ainda necessitam de estudos mais rigorosos para, enfim, iluminar uma interpretação global de seu pensamento e tempo.

Neste livro o leitor perceberá que, de forma geral, procuramos mesclar contribuições a respeito de Mariátegui de temas mais conhecidos e de menor audiência. Assim, será possível telegrafar ao leitor brasileiro momentos dessa trajetória errante e o desenvolvimento de algumas de suas ideias. Eis aqui o objetivo deste livro. Obviamente, não pretendemos esgotar a trajetória e o pensamento do autor. Muito pelo contrário. Aliás, seria preciso de mais alguns volumes para conseguir abarcar a totalidade do conjunto de seu pensamento. Na realidade, trata-se de um estímulo para que outros militantes e pesquisadores se inquietem com esse personagem errante da América Latina. É também um convite à leitura da variada obra do autor peruano.

No que concerne ao perfil dos autores, buscamos uma diversificação no livro. Há um equilíbrio de contribuições de autores estrangeiros, sobretudo peruanos, e brasileiros. A composição da coletânea abarca autores consagrados internacionalmente em relação à obra mariateguiana, e também a colaboração de jovens pesquisadores brasileiros; ademais, militantes sociais da questão agrária e indígena adentram nessa somatória. Os textos de alguns autores deste livro já foram publicados em livros e revistas (embora de pouco acesso ao público brasileiro) e estão devidamente mencionados no começo de cada capítulo, enquanto outras pesquisas são inéditas.

O livro abre com um ensaio do historiador peruano Alberto Flores Galindo (1949-1990) – infelizmente, ainda desconhecido em nosso país –, autor do clássico *La Agonía de Mariátegui*, que fornece pistas metodológicas e teóricas para desvendar a especificidade do marxismo heterodoxo de Mariátegui. Em seguida, realizou-se uma entrevista com um dos principais divulgadores e analistas da obra mariateguiana no Brasil, Luiz Bernardo Pericás. O historiador perscruta sobre como conheceu a obra de Mariátegui; sua aproximação com estudiosos; a experiência com os (neo)zapatistas de Chiapas (leitores de Mariátegui!); os desafios sobre a recepção do autor no meio intelectual brasileiro, ainda demasiado restrita; as diferenças e similitudes com outro marxista latino-americano, Che Guevara (autor do qual é especialista) e, por fim, a proliferação dos “mariateguismos”. Ricardo Portocarrero Grados

discorre sobre os escritos do “jovem” Mariátegui, ou seja, anterior à sua fase marxista, que perpassa a década de 1910, período que escreveu colunas sociais, crônicas, poesias, contos e peças de teatro. Trata-se de um momento peculiar de sua trajetória e produção literária e jornalística e um capítulo da história social dessas práticas culturais no Peru completamente desconhecidos no Brasil.

A dimensão cultural de Mariátegui é um dos aspectos explorados neste livro em três capítulos. O crítico literário italiano Antonio Melis, o organizador dos dois volumes *Mariátegui Total*, retrata a “sensibilidade pelo fato artístico” do autor. Não permanece apenas nos questionamentos aos costumes conservadores que Mariátegui manifestou em sua juventude, mas principalmente o aponta como organizador da cultura política do seu país (ao editar a revista *Amauta*, por exemplo). Mariátegui elaborou uma análise que iluminou a importância do contexto em que se elabora e se difunde a produção artística. Além de suas discussões em torno da noção de realismo, Melis também relaciona a crítica marxista da cultura mariáteguiana com outros expoentes do marxismo. Já Michael Löwy, intelectual franco-brasileiro conhecido pelos estudos sobre história do marxismo e religião, ressalta a dimensão romântica e revolucionária do aspecto literário e cultural de Mariátegui, especialmente nas análises sobre o fenômeno do surrealismo, que tanto o marxista andino divulgou e estimou. Por sua vez, o capítulo apresentado por Bernardo Soares fornece um interessante panorama político-cultural latino-americano no qual Mariátegui estava inserido e marcou posições políticas e teóricas. As ideias de José Rodó, Rubén Darío, José Martí, Manuel Ugarte, Gonzáles Prada e César Vallejo circularam em ambientes intelectuais na década de 1920 e Mariátegui interagiu com elas, para reafirmá-las ou repeli-las.

Como é sabido, no percurso de sua trajetória, nosso autor teve uma forte influência religiosa. Nessa toada, Sydnei Melo trabalha com desenvoltura as possíveis conexões entre o político e o religioso em seus escritos e a “reivindicação do mito, da fé e da religiosidade como elementos que permitem inscrever a reflexão sobre a luta socialista no interior de uma ‘dimensão

religiosa””. Por um lado, se essa dimensão provocou opiniões ideológicas contrastantes e uma quantidade razoável de pesquisas, por outro lado, as questões de gênero e negra em Mariátegui foram pouco exploradas. E exatamente elas que são tratadas nos dois capítulos subsequentes. A pesquisadora peruana Sara Beatriz Guardia acompanha o percurso do nosso autor, que muda sua visão sobre as mulheres do senso comum da sociedade patriarcal até o militante tocado pela luta das mulheres. O ponto de partida, acrítico, dessa trajetória está plasmado nas colunas de Juan Croniqueur nos contos publicados na revista *El Turf*, ou na peça de teatro *Las Tapadas*. Ironiza o feminismo e as sufragistas. A pesquisadora não se furta de investigar a relação epistolar de Mariátegui com a enigmática Ruth, nem a experiência de choque com o conservadorismo limenho depois do episódio da performance de Norka Rouskaya. Superada a "Idade da Pedra", entre 1920 e 1930, Mariátegui escreve vinte e um artigos sobre os direitos das mulheres e a revista *Amauta* vai acolher não poucas colaboradoras femininas. Guardia detém-se na contribuição de muitas delas, que ajudaram a forjar o pensamento crítico e socialista no Peru. Roland Forgues, estudioso peruano e radicado na França, examina criticamente a questão negra na obra de Mariátegui. Muitos dos aspectos de sua visão sobre o negro – não isenta de preconceitos – estão inseridos no contexto das correntes do pensamento filosófico e político que marcaram a segunda metade do século XIX e começo do século XX, como os argentinos Domingo Faustino Sarmiento e José Hernández. Mesmo com problemas, Forgues assevera que a visão mariateguiana do negro é coerente com sua visão global da colônia, vista como sistema explorador da “raça” nativa e da civilização andina.

Felipe Johnson e Silvia Beatriz Adoue realizam um estudo sobre aquilo que Mariátegui chamava de “elementos de socialismo prático” presentes na sociabilidade Guarani-kaiowá. Apresentam a luta desses povos, assim como outros das chamadas terras baixas da América do Sul, como parte do desenvolvimento de uma cultura socialista indígena para nossos territórios.

Ela interpela tanto a ideologia do Capital como o pensamento de uma esquerda presa no paradigma do desenvolvimentismo.

Os três últimos capítulos do livro são estudos que buscaram comparar aspectos teóricos e políticos de Mariátegui com outros autores latino-americanos. Miguel Mazzeo, estudioso da obra do peruano, rastreia os traços comuns entre o pensamento do marxista e o do filósofo e antropólogo Gunter Rodolfo Kusch. “Trata-se de uma filosofia semanticamente subversiva, epistemologicamente rebelde, que localiza a reflexão no devir que tenta captar e não num pensamento pré-fabricado e que tudo abrange”, diz Mazzeo, que opõe o marxismo visceral de Mariátegui a um “marxismo pulcro” e eurocêntrico que predominou nos partidos da esquerda latino-americana. E percebe na obra de ambos a matriz da filosofia andina. Deni Alfaro Rubbo interpreta algumas manifestações da difusão e a circulação da obra de Mariátegui entre cientistas sociais brasileiros exilados no Chile durante as décadas de 1960 e 1970. Levanta algumas convergências teóricas e políticas entre a obra mariateguiana e a dos dependentistas; apresenta a circulação do autor peruano no Chile por meio de empreendimentos bibliográficos e de agentes de difusão. Disponibiliza também o contato dos intelectuais dependentistas brasileiros com a obra mariateguiana durante suas experiências de exílio; e, a despeito desse contato, aponta a “ausência” de discussão dessa obra entre os dependentistas. Por último, Yuri Martins Fontes traça uma comparação com outro intelectual marxista brasileiro: Caio Prado Júnior. O estudo dessa afinidade é desenvolvido principalmente por meio da contribuição dos autores ao campo da filosofia, o que inclui, evidentemente, suas atividades como intelectuais orgânicos revolucionários. Segundo o autor, uma das semelhanças de Caio Prado e Mariátegui é o uso criativo da metodologia dialética e a compreensão do marxismo como filosofia da práxis. Tais concepções os fariam aproximar suas interpretações da realidade histórica latino-americana, pelos debates filosóficos revolucionários da época, e por ampliar a interpretação dialética de modo a incluir em sua análise aspectos superestruturais que permitissem uma compreensão